

“Vão mais almas para o inferno pelos pecados da carne do que por qualquer outra razão”

por Michael Matt

Ao longo desta semana, ouvimos várias explicações pormenorizadas sobre Fátima, sobre a Mensagem de Fátima, sobre a história de Fátima, sobre o que é preciso fazer ao nível do Vaticano, e ao nível da hierarquia da Igreja. Ora o que hoje pretendo fazer com esta palestra é fazer uma espécie de intervalo para apresentar algumas sugestões práticas sobre como podemos aplicar estas grandes ideias e grandes ideais que fomos aprendendo esta semana; como podemos pô-los em prática nas nossas vidas quotidianas como sacerdotes, como pais, como Católicos que tentam viver num mundo que está a tornar-se cada vez mais anti-católico.

Vamos, portanto, falar de uma questão cultural. E o que eu quero dizer por questão cultural é a cultura católica, a cultura cristã, contra esta cultura muito anti-cristã, muito anti-católica, que apareceu e nos está a afectar a todos, provavelmente muito mais do que estamos dispostos a admitir. Até que ponto teremos talvez cedido a esta cultura em que hoje estamos mergulhados.

Talvez para lhes dar uma ideia, nesta palestra, do ponto a que chegámos, vou agora falar de nós, que somos pessoas que pelo menos tentamos ser fiéis a Nossa Senhora de Fátima e ao que nós sabemos ser a verdade.

Para termos uma ideia de até onde chegámos, sob o ponto de vista cultural, talvez seja uma boa ideia lembrarmo-nos de que, já em 1934, o Papa Pio XI escreveu uma encíclica chamada *Vigilanti Cura* contra a indústria cinematográfica, os filmes de Hollywood, pouco tempo depois de ter apresentado aquilo a que chamou Legião de Decência. Não vou ler uma citação dessa encíclica, porque tenho a certeza de que a maior parte de vós já a conhecem.

Mas como dentro em pouco vamos referir-nos precisamente ao que está a acontecer no mundo do espectáculo, vou perguntar-lhes o seguinte, como sacerdotes: “Porque é que pensam que Pio XI estava tão preocupado, já em 1934, de tal modo que fez duas encíclicas a atacar os filmes de Hollywood, a indústria cinematográfica?”

Pensem nos filmes de 1934, se por acaso os viram. O cinema falado era ainda coisa nova. Pouco se tinha saído da época do cinema mudo, e, no entanto, o *sensus catholicus*, o sentido católico de Pio XI e dos padres, e dos Bispos, e dos fiéis, já nessa altura de 1934, fazia-os sentir-se terrível e gravemente ofendidos pelos filmes daquele tempo – 1934.

Se se derem ao trabalho de comparar aquelas imagens trémulas a preto e branco, aqueles filmes antigos que hoje se podem obter em DVD, com o que hoje temos, é assustador verificar até que ponto todos nós absorvemos esta cultura. Até que ponto fomos subjugados e condicionados a aceitar aquilo que nos dão como sendo espectáculos. Espectáculos, sim, mas fornecidos pelos inimigos da nossa Fé.

Apesar da Acção Católica (e estou a falar dos bons Católicos), é ridículo ver o que um bom Católico faz quando vai ao cinema, e vai a quase todos: baixa os olhos nas cenas de nus, em que há imagens de nudez, e considera-se muito virtuoso por ter feito assim.

E todos nós fazemos mais ou menos o mesmo. Ao ver televisão, ao ver filmes, a ouvir música que sabemos que ofende a Nossa Senhora, que sabemos que ofende a Deus, que sabemos violar os ensinamentos da Igreja sobre a moral.

Isto é para começar. Vamos a seguir fazer a ligação com Fátima. A este respeito, vou referir-me a um facto que é muito interessante: em 13 de Maio de 2007, exactamente noventa anos depois da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima, o Papa Bento XVI visitou o vosso país, o Brasil, e tentou fazer pela América Latina o que Nossa Senhora tentou fazer pelo mundo inteiro. Tentou avisar a América Latina, que tem metade do milhar de milhões de Católicos que existem no mundo, que a nossa Santíssima Mãe não pode continuar a segurar a mão do Seu Divino Filho, que irá atingir o mundo com um justo castigo dos seus muitos crimes.

E nessa ocasião, há cerca de três meses, Sua Santidade o Papa Bento XVI sublinhou que a família é “um dos tesouros mais importantes dos países da América Latina,” mas acrescentou o Papa, “está ameaçada por legislação e políticas governamentais que se opõem ao casamento, como, por exemplo, a contracepção e o aborto.” Também condenou o aborto e o casamento de homossexuais, e denunciou o aumento do consumo de drogas, da imoralidade e do hedonismo, que são o que Nossa Senhora de Fátima chamou “os pecados da carne”.

Depois de ter mostrado aos pastorinhos de Fátima a visão do inferno, Nossa Senhora disse uma coisa que iria ser das citações mais famosas de toda a Mensagem de Nossa Senhora de Fátima, que era: “Vão mais almas para o inferno por causa dos pecados da carne do que por qualquer outra razão.”

Quando pensamos em Fátima, pensamos muitas vezes na Rússia, na Consagração ao Imaculado Coração de Maria que foi pedida. Ou pensamos nos cinco avisos; pensamos nos Cinco Primeiros Sábados; e assim por diante.

Mas talvez não demos atenção suficiente ao facto de que, de muitas maneiras, a Mensagem de Nossa Senhora de Fátima referia-se à revolução sexual: uma destruição da moral, destruição do casamento, da vida da família; e até ao aparecimento de modas grotescamente imodestas, que seriam profundamente ofensivas para com Nosso Senhor. É que Ela mencionou os pecados da carne. Avisou que apareceriam certas modas que iriam ofender a Nosso Senhor. Avisou que muitos casamentos não seriam bons, não agradariam a Nosso Senhor e não seriam de Deus.

Muitos peritos de Fátima especulam e crêem, e com razão, que não nos foi dada a versão não abreviada do Terceiro Segredo, ou seja, o Terceiro Segredo na sua totalidade. Concordamos com a Madre Angélica da EWTN, a emissora católica de televisão, quando disse: “Sou uma daqueles que não acreditam que nos deram todo o Terceiro Segredo depois do ano 2000.”

Estes peritos especulam que deve haver alguma coisa no Terceiro Segredo que se refere à crise na Igreja, à crise na liturgia, à desvalorização dos Dogmas da Igreja. E penso que todos os factos apontam para essa conclusão.

Porém, Nossa Senhora de Fátima não disse que mais almas iriam para o inferno por causa de desvios doutrinários na Igreja do que por qualquer outra razão, pois não? Disse, especificou, estipulou que os “pecados da carne”, que muito A preocupavam, levariam à condenação de milhões de almas. E aqui não há contradição. Não é uma coincidência o facto de os problemas doutrinários, a quebra de disciplina nos seminários, o arrasar da vida litúrgica da Igreja, os abusos que se infiltraram na liturgia, começaram a manifestar-se mais profundamente no ano de 1960.

A década de 1960 foi muito turbulenta. E aqui tenho que pedir desculpa, porque não estou bem certo do que se estava a passar exactamente na América Latina durante a década de 1960. Calculo que fosse algo de semelhante ao que se estava a passar culturalmente nos Estados Unidos e na Europa, e que era uma enorme revolução sexual e de drogas. Por altura de 1969, por exemplo, tivemos o “verão de amor”. Tivemos o que se chamou Woodstock. (Woodstock significa alguma coisa para os Senhores Padres? Não sei se estão todos a par das notícias que circularam sobre Woodstock. Estou a notar que dizem que sim com a cabeça.). Hão-de recordar-se o que significou Woodstock. O que representou. Mas o que teria sido Woodstock, esse grande ícone cultural da revolução contra a família, contra a sociedade, contra o Estado, e eventualmente contra Deus, o que teria sido, digo, se não fosse a música de rock? Sem a música que foi o motor da revolução da década de 1960? Mais uma vez, na década de 1960, a revolução sexual do rock-and-roll.

Por outras palavras, Nossa Senhora de Fátima preocupava-se em especial com o facto de a grande autoridade moral do mundo, a única autoridade moral do mundo, a Igreja Católica, iria passar por um período a que o Papa Paulo VI chamou de “auto-demolição”.

E dessa auto-demolição, ou auto-destruição, resultaria uma revolução universal contra a moralidade cristã. Uma revolução universal contra a cultura cristã. E, de facto, é isso a que temos assistido nos últimos cinquenta anos: as pessoas a serem levadas à complacência sexual, à auto-gratificação, aos pecados da carne. Nossa Senhora de Fátima estava certamente preocupada com a devastação moral que levaria à condenação de milhões de almas.

Sabendo agora o que sabemos sobre a década de 1960, não é para admirar que, em 1946, quando perguntaram à Irmã Lúcia quando o Terceiro Segredo seria revelado ao mundo, respondeu sem hesitação que seria “em 1960”.

Em 1955, o Cardeal Ottaviani perguntou à Irmã Lúcia porque é que o Segredo não devia ser aberto antes de 1960. E ela respondeu-lhe “porque então será mais claro.”

A Irmã Lúcia pediu ao Bispo de Fátima que promettesse que o Segredo seria revelado ao mundo na altura da sua morte, mas, de qualquer maneira, nunca depois de 1960, “porque”, disse a Irmã Lúcia, “a Santíssima Virgem assim o quer.”

Porquê 1960? Na minha opinião, é porque Nossa Senhora de Fátima estava a prever a morte universal da cultura cristã e o aparecimento de uma cultura inundada de sexo e porcarias, que faria lembrar a da Roma pagã nos seus últimos dias. Por outras palavras, a cultura em que nós estamos hoje, neste momento, a viver. Nossa Senhora preocupava-se com a possibilidade da mão correctora da Santa Madre Igreja começar, por várias razões, a reprimir-se, e a deixar de corrigir os seus filhos, como até então fizera num espírito de amor por eles.

Assim como os Israelitas se entregaram à luxúria e ao deboche quando Moisés se demorou demasiado no Monte Sinai para receber de Nosso Senhor os Dez Mandamentos, na década de 1960 a Igreja começaria a retrair-se da posição de autoridade moral que sempre tinha sido, e os seus filhos cederiam à mesma luxúria e deboche, o que, de facto, foi o que aconteceu.

Disseram à Igreja que era muito autoritária. Que devia ser mais moderna. Que devia concentrar-se mais no que era positivo e menos no que era negativos. Que devia apresentar “dez sugestões” em vez dos “Dez Mandamentos”. E, até certo ponto, a Igreja acabou por ceder a esta pressão. Vou dar-lhes um exemplo: a abstinência de carne às Sextas-Feiras. Suponho que esse costume também era seguido na América Latina. A abstinência, uma auto-restrição, fazer uma pequena penitência que a Igreja nos pedia que fizessemos, ou seja, não comer carne às Sextas-Feiras, não era uma coisa difícil, mas o mundo chegava a troçar do facto de os Católicos não poderem comer carne às Sextas-Feiras.

E assim, a Igreja mudos um bocadinho as regras e disse: está bem, se não podem fazer isso, se não podem abster-se, façam qualquer outra coisa que seja igual, ou semelhante, para satisfazer a necessidade que todos temos de fazer penitência. Mas isto foi um grande erro. Qualquer pai sabe que, se der aos filhos escolham como esta, eles irão escolher a mais fácil de todas. Eventualmente, se pensarem que ninguém dá por isso, acabam por não escolher nada. E assim, no meu país, já ninguém pratica a abstinência às Sextas-Feiras. Comemos carne, comemos peixe, comemos o que nos der na cabeça.

Actualmente, não há indicação ou ensinamento nenhum no sentido de havermos de fazer uma penitência qualquer às Sextas-Feiras. Quero com isto dizer que vem nos livros mas não passa cá para fora. Aconteceu assim que uma pequena medida maternal e disciplinar que a Igreja tinha pedido amorosamente aos seus filhos há mil anos ou mais, desapareceu, foi alterada, foi mudada um bocadinho, até chegarmos ao ponto em que hoje não se pratica nenhuma penitência. E isto é uma infelicidade. A auto-privação, o auto-sacrifício ficou pelo caminho.

Na América, a penitência agora é ter que esperar mais uns minutos dentro do carro até nos servirem o Big Mac com batatas fritas. Se temos muita gente à frente na fila do restaurante McDonald's, é mesmo azar. É difícil termos que passar por isso. Por outras palavras, já nem sequer temos a capacidade de praticar a penitência. Quando queremos alguma coisa, agarramo-la. Queremos já!

Já nem esperamos por algum produto que encomendarmos pela internet. Tem que chegar no dia seguinte. Não queremos esperar duas ou três semanas. E esta auto-satisfação – queremos ser satisfeitos imediatamente – é um resultado desta ideia de fazer a Igreja mais tolerável, mais tolerante para com os seus filhos.

Estamos a tornar-nos como bárbaros. Não sabemos nada sobre a auto-limitação. E é certo que o mesmo acontece quando se trata de sexualidade e moralidade. O vício do sexo tornou-se um problema muito, muito grave, mas nos Estados Unidos as pessoas não gostam de falar nisso.

Consideremos, pois, algumas destas ideias. Vou começar daqui a um momento a falar na televisão, mas antes quero tratar da questão da música. De uma introdução a esta forma depravada de música, o rock-and-roll.

O que é interessante sobre a música de rock-and-roll é que, quando apareceu pela primeira vez em 1954, a sociedade cristã rejeitou-a. O Vaticano falou contra ela, Bispos e padres falaram contra ela. Rabinos e pastores protestantes organizaram manifestações de jovens contra ela.

Quando os Beatles foram aos Estados Unidos, a chamada invasão britânica, em 1963, qual foi o resultado? Os Beatles são agora considerados o maior conjunto de rock-and-roll do mundo, segundo dizem. Mas quando foram aos Estados Unidos, foram confrontados nos aeroportos com protestos. Quando tentaram que a sua música fosse transmitida pela rádio, as estações de rádio americanas recusaram-se a fazê-lo.

Jovens americanos, cristãos e católicos, juntaram-se por todo o país para se manifestarem, queimando discos dos Beatles. É verdade, queimaram o rock-and-roll quando chegou ao país. Porquê? Porque tudo o que dizia respeito a essa música ofendia o pensamento cristão da década de 1950, como das anteriores.

Avançou com ímpeto de 1960, incluindo, é claro, Elvis Presley. Reconhecem esse nome? Pois se começarem a falar contra alguém como Elvis Presley, as pessoas vão rir-se. E vão perguntar: “Tem algum problema com o Elvis Presley? Você é paranoico. O que é que está errado com o Elvis?”

Ora bem, os mais velhos entre nós talvez se lembrem do escândalo da dança que Elvis Presley popularizou. Até lhe chamavam “Elvis o pélvis”. Chegava aos espectáculos com a nova música, uma música muito rítmica e rápida. E começaram a ver-se jovens novas – recordam-se das imagens, das fotos de milhares de jovens raparigas adolescentes, nos Estados Unidos e provavelmente também na América do Sul, a gritar ao Elvis Presley? E não só gritavam, como se fartavam de chorar e de tremer. Estavam assim tão excitadas com esta coisa nova que estava a acontecer. Era um constructo musical revolucionário.

Não me importo se quiserem rir-se de mim por estar preocupado com esta influência dos primeiros cantores e artistas do rock-and-roll.

Nós, Católicos, temos que voltar atrás e ver a reacção católica àquela música quando apareceu pela primeira vez. E depois podemos olhar para a Shakira – uma das vossas exportações, muito obrigado por isso – e olhamos para ela e dizemos: “Nada mal. Boa música.” E agora pensemos no meu avô, nos vossos pais, nos vossos avós, nos que são da minha idade, quando viram o Elvis Presley: ficaram muito preocupados, nos seus corações e nas suas almas,

com o que estava a acontecer na sua sociedade. Por outras palavras, tinham um sentido católico do que está bem e do que está mal mais apurado do que o nosso.

Quando vejo os artistas de rock-and-roll ou pop da actualidade, não fico tão ofendido como devia. Eu nasci em 1966, cresci na era do rock-and-roll. Mas se o meu avô visse o que eu vejo todos os dias nos aeroportos, na televisão, tinha um ataque de coração. Ficava convencido de que o mundo tinha sido invadido por strippers, por gente imoral. Não consideraria esses artistas apenas como gente do espectáculo. Vê-los-ia como revolucionários. Como destruidores da alma, não só da alma individual como da sociedade.

Hoje temos meninas de dez anos a imitar as suas estrelas pop favoritas. Sejam elas a Shakira ou a Britney Spears ou alguma pobre jovem que esta poderosa indústria apresenta como o deus ou a deusa da revolução sexual. Vemos estas meninas de dez anos, miúdas, a usar saias curtas, a mostrar a barriga, até a mostrar os traseiros, a dançar de uma maneira que a sociedade cristã rejeitara há mil anos. Aqui estão estas meninas de dez anos a imitar as suas estrelas pop favoritas.

Senhores Padres, temos um problema. Temos um problema sério. Especialmente à luz do aviso de Nossa Senhora de Fátima: “Vão mais almas para o inferno pelos pecados da carne do que por qualquer outra razão.” Temos aqui, mais uma vez, um problema. Mais uma vez, estas exportações dos vossos países, a Cristina Aguilera, a Shakira, todas estas jovens diferentes, que nasceram e cresceram católicas, estão a ser exportadas para o meu país para que o mundo veja que agora até os Católicos estão a aceitar este novo deboche moral, esta decadência do mundo do espectáculo que se vê em Hollywood, nos filmes.

Eles adoram quando um artista católico, como Ricky Nelson, vai no mesmo sentido. Frank Sinatra fez isto há muitos, muitos anos, com o movimento do jazz.

Os Católicos acabam por subir ao cume de tudo isto. Madonna, a infame Madonna, que troça do próprio nome de Nossa Senhora, era católica e orgulha-se do facto de ter rejeitado o seu Catolicismo, e diz a todas as suas pequenas fãs que rejeitou o seu Catolicismo.

Muitas vezes, quando se olha para a capa de um CD de uma artista pop jovem como Britney Spears ou outra do género, se olharmos para as letras miúdas (e as únicas pessoas que lêem a letra miúda são as pequenas fãs dedicadas, que querem ser como a Britney ou como a Shakira), lá aprece em letra miúda: apoiem o lesbianismo, apoiem a Federação do Planeamento Familiar, e assim por diante.

Esta gente tem uma estratégia, e sempre a teve. E a sua estratégia é destruir a moralidade das nossas crianças. Sim, é verdade que ganham milhões de dólares a fazer isso, e o dinheiro é a motivação número um. Mas têm estado a vender sexo, e têm estado a vender a revolução, desde a década de 1950, e precisamos de acordar e de deixar de sermos entretidos – e deixar que os nossos filhos sejam entretidos – pelos que *odeiam* a Nossa Senhora, pelos que rejeitam a Deus, e pelos que rejeitam completamente os ensinamentos católicos sobre teologia moral. Não há outra maneira de o fazer. Porque a indústria de cima a baixo, do passado ao presente, tem sido anti-cristã.

E isto não é uma conspiração. Voltem atrás e leiam as letras das canções, e leiam as notícias na imprensa. Leiam tudo sobre as controvérsias em que estas super-estrelas de rock se metiam há muito tempo. E chegámos ao ponto em que eu, como pai católico, mal posso levar os meus filhos a uma mercearia para comprar um litro de leite sem que os meus pequenos, que não ouvem música de rock, que não vêem os filmes nem vêem a TV, vejam imagens, que há cinquenta anos seriam proibidas como pornográficas, nas revistas em cima do balcão onde vou comprar leite. Quase não temos outra escolha, por outras palavras. Esta máquina cultural que de tantas maneiras induz aos pecados da carne está em todo o lado.

Portanto, a fidelidade à Mensagem de Nossa Senhora de Fátima tem que incluir, em primeiro lugar, uma rejeição consciente da ameaça global contra a pureza, e portanto contra as almas de milhões de pessoas, que a indústria do espectáculo representa. Quando comecei esta palestra, ocorreu-me uma maneira prática para começarmos sem mais demora. Posso voltar para casa e falar disto aos meus amigos. Os Senhores Padres podem regressar e falar aos vossos rebanhos de coisas como guardar os nossos olhos. Recordam-se de quando éramos pequenos? O Pequeno Catecismo ensinou-nos que devemos tomar conta dos nossos olhos. Está a tornar-se quase impossível tomar conta dos nossos olhos, como sabem, por causa das modas, por causa das revistas, por causa da televisão, porque o mundo fez precisamente aquilo sobre que Nossa Senhora nos avisou que iria fazer: cair num mar de pecados da carne.

No meu país, ou pelo menos na minha região, que é no Minnesota, não longe de Chicago, recomendaram aos padres que, quando se confessarem pecados da carne no confessional, não devem mencioná-los aos penitentes; não deve aconselhá-los a esse respeito; devem antes deixar isso de parte. A ideia é não assustar os penitentes que têm pecados da carne para confessar, para eles não se afastarem da Confissão. Gostaria muito de ouvir as vossas opiniões, Senhores Padres. Porquê é que se está a fazer isto? Porquê é que fazem estas recomendações aos padres? Porquê é que podemos ir confessar-nos e confessar umas cem vezes que somos infiéis às nossas esposas, e o padre diz no fim: “Foi uma boa confissão... Obrigado por ter vindo cá hoje?”

Isto não é um conselho que se nos dê. Isto não é um conselho para quem está a sofrer neste mar de impureza, só porque alguns Bispos acham que os padres não devem dizer nada sobre estes pecados no confessional. Não vou aprofundar isto, porque está fora das minhas atribuições. Compete aos Senhores Padres tratar da direcção espiritual. Mas se alguém tem uma ideia da razão para isto estar a acontecer, venha ter comigo depois desta palestra, porque acho que precisamos de começar a trocar impressões sobre porque é que recomendam aos padres que não dêem conselhos sobre os pecados da carne, e sobre o que cometem habitualmente pecados da carne.

Passemos adiante. Antes de poderem compreender realmente qual é o problema com a música, temos que compreender – e isto será uma revisão para muitos de vós – temos que compreender o poder da música. Porque quando falamos a jovens sobre a música pop e os seus problemas, eles dizem-nos sempre: “Ora vamos, é apenas música. Qual é o problema? É só música.”

Vamos lá então falar disso. Acho que um bom exemplo para as crianças de como não devemos dizer que é apenas música é dar-lhes uma imagem que podem compreender imediatamente, e que é a seguinte. Acontecia certamente nos vossos países, e sei que acontecia no meu, que nas batalhas históricas que se travaram, por exemplo, no Álamo, ou em qualquer outro sítio que lhes ocorra ou em qualquer guerra de que queiram falar.

Quem ia à frente em primeiro lugar, à frente de todos os outros soldados, antes de a batalha começar em força? Quem era? Os soldados que tocavam instrumentos. Os soldados que tocavam os tambores. Ora eles eram os que iam morrer primeiro. As primeiras balas iriam atingi-los. Então porque é que os músicos iam à frente das colunas? Porque a música tem o poder de inspirar os homens a dar as suas vidas por uma causa.

É apenas senso comum. Há milhares de anos que tem sido assim. A música foi usada por revolucionários, por reis, por rainhas, por presidentes, para levar o povo a uma certa maneira de pensar. E considerando esta imagem, começaremos a compreender o poder da música.

Agora vejamos algumas citações de grandes filósofos do passado, sobre o que eles pensavam da música. A primeira é de Santo Isidoro, nas *Etimologias*. Diz ele: “A música exalta a emoção. Chama os sentidos para uma qualidade diferente. Nas batalhas, a música das trombetas dá ânimo aos guerreiros. E quanto mais impetuoso é o seu som alto, mais valente é o espírito para combater. A música também conforta o espírito quando se suportam trabalhos, e cantar alivia o cansaço em tarefas solitárias. A música também acalma os espíritos extenuados. O que quer que digamos, ou sejam quais forem as emoções que sintamos interiormente pelo bater dos nossos impulsos, está provado que são levados à comunhão com as virtudes através dos ritmos musicais da harmonia.”

Alexander Pope, na sua ode à música no dia de Santa Cecília, diz: “Ela conduz os guerreiros, e os sons animados derramam bálsamo nas feridas do amante a sangrar. Haverá uma paixão que a música não possa exaltar ou acalmar? Houve canções que derrubaram reis e impérios.”

As forças militares americanas estão actualmente a usar, e já há algum tempo que o fazem, música de rock-and-roll e de heavy metal como arma psicológica, utilizada como parte da guerra psicológica. Até onde eu sei, foi utilizada pela primeira vez em 1989, no Panamá, contra Manuel Noriega, naquilo a que se chamou Operação Justa Causa.

Estavam a tentar dismantelar a moralidade da oposição. As tropas dos Estados Unidos tocaram música de rock-and-roll e de heavy metal em altos gritos e com pulsação, dirigida aos seus oponentes, até que lhes destruíram o espírito. Como se pode ver, reis e rainhas e os militares dos Estados Unidos, todos estão muito a par do poder da música. Mas nós não estamos. Nós, quero eu dizer, os pais católicos e assim por diante, que pensam que a música de rock-and-roll, música pop, não é uma ameaça. Não compreendemos o poder da música.

Michael Medved é um comentador judeu, e personalidade de importância política nos Estados Unidos. Escreveu um livro chamado *Hollywood contra a América*. Embora não seja cristão, compreende esta ameaça cultural e a razão para estarmos a perder a guerra, nós, pais e

sacerdotes, que estamos a tentar reinstalar o Cristianismo no tecido da nossa sociedade. Medved escreveu: “Talvez a mais nociva de todas estas distorções implica a glorificação do aventureirismo sexual e a entrega no prazer físico como um fim em si. Este tema tem sido explorado por todos os elementos na cultura pop. Mas,” diz Medved, “não se exprime mais poderosamente do que na indústria da música. Uma indústria poderosa, de espantoso impacto global, que dedica quase todas as suas energias à celebração ininterrupta do poder brutal da luxúria.”

Aqui está um comentador judeu que percebe as coisas. Esta indústria está em guerra conosco, mas nós, a maior parte de nós, ainda não percebemos. Mas felizmente, pelo menos na América do Sul, na América Latina, têm um substituto do rock, a música popular. É coisa que não temos. Têm a vossa grande história cultural, de canções populares, de música folclórica. Os vossos jovens gostam de cantar.

Como o rock-and-roll foi tão eficaz nos Estados Unidos, há muito pouco que possa suplantá-la, porque não temos essa tradição folclórica que os nossos jovens podiam seguir e cantar e usar para suplantar a música de rock. É como andar por um declive acima.

Mas não há dúvida que o Papa Bento XVI, quando se trata de música, dá-nos umas ideias sobre o que é preciso fazer. Quando ainda era o Cardeal Joseph Ratzinger, por altura do Oitavo Congresso Internacional de Música Sacra, que se realizou em Roma em 1986, atacou a música de rock como “veículo da anti-religião.” Alto aí, será algum comentador paranoico e meio maluco, que não percebe nem gosta da nova música da gente nova? Não, é o Cardeal Ratzinger a chamar a esta música “veículo da anti-religião”. E não ficou por aqui. Disse que o rock-and-roll é uma variante secular de uma velha religião estética, em que o homem “abaixa as barreiras do individualismo e da personalidade para ser libertar do peso da consciência. A música de rock é a antítese completa da fé cristã na redenção.”

E já viram isto. Estou certo que ficam incomodados ao ver a gente nova dos vossos países. Como disse o Cardeal Ratzinger: “a libertarem-se do peso da consciência.” Os nossos jovens, em todo o mundo, estão a beber e a dançar até alcançarem um estado em que já não têm consciência. Pelo menos, consciência do que é bom e do que é mau. Estão a drogar-se. Estão a dançar loucamente. Estão a afundar-se no sexo. Donde virá isto?

Donde virá? Vem da indústria do espectáculo. É o que o Cardeal Ratzinger diz, e está absolutamente certo.

Um pouco mais recentemente, o Cardeal Ratzinger, sobre a música pop. Na página 148 do seu livro *O Espírito da Liturgia*, que saiu em 2000, muito recentemente. O Cardeal Ratzinger atacou, como sendo um sintoma do actual declínio cultural do Ocidente, a popularidade de que hoje goza a música de rock entre a juventude, e liga-a directamente à sua alienação do culto verdadeiro na Missa.

Prestem atenção a esta citação. Vou lê-la devagar para se perceber melhor. É o Papa Bento XVI, poucos anos antes do último conclave. Escutem o que ele diz: “A música de rock é expressão de paixões elementares, e em festivais de rock assume o carácter de um culto. Na

realidade, uma forma de culto que está em oposição ao culto cristão. As pessoas são, de certa maneira, libertadas de si próprias através da música de rock, pela experiência de fazerem parte de uma multidão e pelo choque emocional do ritmo, do barulho e dos efeitos especiais de luzes do concerto de rock.

“Porém, no êxtase de terem todas as suas defesas derrubadas [as suas defesas contra os pecados da carne derrubadas] por detrás da força elementar do universo ...” Isto não são divagações de um paranoico. É o Papa da Igreja Católica que reconhece e denuncia o facto de que estão a captar os nossos jovens através da música e através da indústria do espectáculo.

Precisamos de pensar, mais uma vez, nas jovens meninas que estão a ser exploradas por esta indústria por causa da sua juventude e da sua beleza e da sua sexualidade. Estão a ser exploradas, esgotam-se depressa, e são postas de lado muito cedo. Muitas super-estrelas de rock-and-roll, ou deuses e deusas, acabam por se suicidar, por se meter nas drogas, ou por morrer jovens, como todos sabemos.

Comparemos o que esta indústria faz – pega na inocência, ascende-a, degrada-a e faz um modelo para as nossas crianças – com o que sabemos de Jacinta de Fátima, a menina que nunca disse uma palavra a Nossa Senhora porque Ela amava tanto que estava tão impressionada com Ela.

Pensem nesta menina pequena, a Jacinta, com uma corda áspera à volta da cintura para fazer reparação pelos pecados das pessoas em risco de ir para o inferno, porque tinha visto o inferno. A pequena Jacinta, a menina que deixava de beber água nas tardes quentes de verão porque queria que as pessoas fossem para o Céu e vissem Nossa Senhora. Pensem nesta inocência. Pensem nesta pureza.

Agora pensem no que a indústria do rock tem feito a meninas como esta no nosso tempo, e deixem que a vossa ira católica se liberte dentro de vós. Vamos à guerra contra esta indústria. Pensem no que ela está a fazer à nossa inocência. Pensem no que ela está a fazer à castidade e à pureza. Vamos à guerra contra ela. Rejeitemo-la.

Se queremos evitar os pecados da carne, temos que começar por aqui. Temos que começar por atacar a indústria que está a causar milhões e milhões e milhões de pecados da carne por todo o meu país, por todos os vossos países, na Europa e para além dela.

Falemos agora com brevidade sobre a televisão. E vou ter que ler algumas estatísticas. Desculpem, não é coisa que eu goste de fazer, mas a melhor maneira de compreender a ameaça da televisão é ler as estatísticas. Como é, literalmente, a força cultural mais poderosa nas nossas vidas de hoje, vou tentar lê-las depressa. Em primeiro lugar, vamos falar do tempo que passamos a ver televisão.

Calcula-se que haja nos Estados Unidos um total de 109.000.000 de televisões. Um lar típico americano tem mais televisões do que pessoas a morar nele: 2,5 pessoas, 2,8 televisões, no meu país. Em 2007, os pais entre os quarenta e cinco e os cinquenta e quatro anos passarão quarenta e sete dias por ano a ver televisão. Um estudo de 2004 da Fundação Familiar Kaiser descobriu que o tempo que as crianças passam a ver televisão é, em média, de quatro horas por

dia. Segundo um estudo da Universidade Huston and Wright, as crianças passam mais tempo a ver televisão do que em qualquer outra actividade, excepto dormir.

Cinquenta e quatro por cento das crianças nos Estados Unidos têm hoje uma televisão no quarto. Um em cada cinco crianças de três anos têm uma televisão no quarto. As crianças dos dois aos cinco anos passam, em média, vinte e cinco horas por semana a ver televisão. As crianças dos seis aos onze anos passam, em média, vinte e duas horas por semana a ver televisão.

Segundo o livro *Abandonado no deserto*, escrito por Newton Minow, da Comissão Federal de Comunicações, “na altura em que a maior parte dos americanos alcançam os dezoito anos de idade, já passaram mais tempo em frente da televisão do que passaram na escola, e muito mais tempo do que passaram a falar com os professores, os amigos ou os pais.”

Quando chegam à primeira classe, a maior parte das crianças já passaram o equivalente de três anos colectivos em frente da televisão. E quando uma pessoa chega aos setenta anos no meu país, já passou aproximadamente sete anos a ver televisão. *Sete anos a ver televisão*. A televisão, segundo o Christian Science Monitor, alcança as crianças cada vez mais novas, e estas passam muito mais tempo em frente da televisão do que a comunicar com os seus próprios familiares.

Ponhamos isto em perspectiva: Estão todos a usar estes fones hoje. E assim têm feito nos últimos dias. Estou certo de que é difícil estar ligado a uma tecnologia destas e tentar descobrir o que estamos a querer dizer do pódio. Mas embora tenham estado a fazer isso nos últimos quatro dias, as crianças das vossas paróquias, as crianças no meu país, passam tanto tempo como todos têm passado aqui com os fones nos ouvidos, e até mais tempo, a ouvir música, a ver televisão, ou ligados à internet – todos os dias.

Imaginem quantas ideias e pensamentos lhes chegaram durante esta semana, por causa de estarem a usar os fones, porque estão a ouvir estas palestras, feitas por pessoas que estão a tentar ser católicas. Imaginem agora todas estas crianças e as mensagens que estão a receber pelos seus fones, mas de pessoas que rejeitam Nossa Senhora e rejeitam Nosso Senhor. Já ficam com uma ideia.

Os Senhores Padres como sacerdotes, ou eu como pai, passamos uma hora na Missa, no Domingo de manhã, a tentar comunicar com as nossas crianças, enquanto que estas mesmas crianças passam três horas por dia, todos os dias, a ouvir o inimigo, a ver televisão. Boa sorte. Boa sorte quando tentarem chamá-las a vós.

Falemos agora um pouco sobre o conteúdo dos programas de televisão. Eu sei que as estatísticas são aborrecidas de ouvir, e por isso vou passar mais depressa sobre o que as crianças de doze anos têm estado a ver durante essas quatro horas por dia.

Numa amostra da programação das grelhas de 2001 e 2002, 64% de todos os programas tinham conteúdo sexual. Os programas com materiais ligados à sexualidade tinham uma média de 4,4 cenas de sexo por hora. Actualmente, as estações de televisão no meu país dedicam-lhe sessenta e um por cento do tempo de programação falando sobre o sexo. O programa de televisão

favorito das jovens dos doze aos dezassete anos é o Ídolo Americano, e Will e Grace, que é uma comédia de situação sobre um homossexual e uma mulher que vivem juntos. Aqui está o programa favorito dos doze aos dezassete anos.

Considerem a influência da comunicação social. O Super Bowl da Liga Nacional de Futebol de 2004, que é a competição final do futebol americano, incluiu – estou certo de que se lembram disto, porque deu escândalo – um espectáculo no intervalo do meio tempo com Janet Jackson e Justin Timberlake, duas estrelas de rock/pop, a fazer o que se assemelhava a aquilo que os vossos pais e avós chamaria um acto de sexo no palco. Fizeram isto no palco, e a certa altura o vestido da mulher foi rasgado, supostamente por acidente, expondo um seio nu.

Havia um grande número de crianças que estavam a ver televisão com os pais e viram isto no Super Bowl: calcula-se que este fiasco da CBS foi visto por 6.600.000 de crianças entre os dois e os onze anos. Mais 7.300.000 adolescentes, dos doze aos dezassete anos, estavam também a seguir o programa.

Começamos a ver aquilo com que as crianças se defrontam. E como devemos guiá-las através desta escuridão que lhes é fornecida pelos espectáculos que lhes oferecem. Temos que as amar. Temos que lhes mostrar o caminho. Temos que lhes restituir os bons espectáculos. Temos que lhes ensinar as canções tradicionais. Temos que ensiná-las a ler. Ensiná-las a divertirem-se. As crianças precisam de música divertida. As crianças precisam de estar entretidas.

Mas agora calculem! Houve mil novecentos e cinquenta e quatro anos desses entretenimentos, que estão disponíveis para nós. Podemos viver sem música de rock, sem televisão. Mas agimos como se não pudéssemos. Como poderemos privar as crianças de música? Bem, o que faziam os nossos pais e avós há cinquenta anos, quando essa música não existia? Podemos voltar a esses tempos, e podemos continuar a divertir-nos, e podemos ensinar as crianças a divertirem-se.

Mais algumas estatísticas, e depois passo a outra coisa. O cinema, não especificamente a televisão, mas o cinema. Os filmes têm uma probabilidade de 87% de apresentarem material sexual. O adolescente americano médio verá umas 14.000 referências sexuais por ano. E se alguém precisar de dados, tenho-os todos aqui; só não vou lê-los para não gastar mais tempo. O sexo pré-marital é referido duas ou três vezes por hora nas telenovelas nos Estados Unidos. Sessenta e quatro por cento de todos os programas de televisão incluem conteúdo sexual. Sessenta e quatro por cento.

A revista *Playboy* tem um canal de cabo chamado Playboy TV. Está disponível em 24.000.000 dos 81.000.000 de lares no país que recebem televisão por satélite, cabo ou digital. 24.000.000 de lares recebem pornografia em casa. E ainda nos admiramos de haver no nosso país, e no vosso também, um problema com a imoralidade.

O conteúdo sexual nos programas de TV em horário nobre triplicou nos últimos dez anos. E aqui está um pormenor grave: quase setenta e cinco por cento de todas as actividades sexuais na televisão são apresentadas entre pessoas que não são casadas. Isto continua mais e mais vezes, e vou continuar adiante porque creio que já ficaram com uma ideia do que estou a tentar mostrar

aqui. É um facto reconhecido que a indústria do espectáculo agora é igual à indústria do sexo. E reparem que nem sequer falámos na internet.

Creio que é muito importante que todos nós, pais e mães e Padres católicos, comecemos a reconhecer a ameaça que representa o facto de cada um de nós ter em casa, na mesa da cozinha ou na sala de estar, uma porta para a maior zona de prostituição da história da humanidade, que é a internet. É uma coisa que todos nós usamos e que é uma ferramenta muito útil.

Mas não podemos esquecer-nos de que esta tentação está presente para todos nós. Não se limita a um cinema de bairro ou a alguma casa de má fama, mas acontece mesmo num santuário católico. Senhores Padres, já houve alguma vez uma época da história em que um santuário católico, um lar, tivesse um canal, um buraco que ligasse ao inferno, comparável ao que a televisão e a internet nos fornecem?

Nosso Senhor disse: “Quando o Filho do Homem regressar, encontrará a Fé na terra?” (Lucas 18:8) Quando pensarem na barragem avassaladora das tentações que levam aos pecados da carne e que nos atingem na cara todos os dias, vinte e quatro horas por dia, não é difícil adivinhar ou pensar ou imaginar o que preocupava Nosso Senhor. Preocupava-se com o tempo em que vivemos. Um tempo que seria tão escuro que já não conseguíamos ver a luz. Um tempo em que as crianças mal tinham uma oportunidade. Em que, ou por culpa dos educadores ou dos espectáculos, quando chegassem aos sete ou oito anos já tinham perdido a inocência. Foi isto a que chegámos na poderosa Nova Ordem Mundial. Conseguimos, garantimos que milhares de milhões de crianças não tenham sequer uma hipótese de manter a sua inocência e de salvar as suas almas. Repito, Senhores Padres, parece-me, do meu ponto de vista de leigo, que temos que declarar guerra a esta indústria.

Já não podemos transigir com ela. Já não podemos tentar encontrar pequenos aspectos dela que não sejam tão ofensivos e que entretenham e de que os miúdos possam partilhar. Eles não precisam de nenhuma parte dela. Passam muito bem sem ela. Somos Católicos. Estamos armados com o Terço e com o Escapulário e com a Verdade. E pensamos que não podemos andar neste mundo a ser entretidos pelos produtos do que odeiam a nossa religião. Não podemos render-nos assim, Senhores Padres. Não podemos desistir. Temos que nos opor a isto.

Falando dos pecados da carne, a indústria do sexo nos Estados Unidos movimenta actualmente US\$57.000.000.000 (cinquenta e sete mil milhões de dólares.) Acrescenta-se a isto os lucros da indústria do sexo no meu país, que são superiores a todas as receitas profissionais do futebol americano, do baseball e do basketball juntas e combinadas com os lucros das redes de televisão ABC, CBC e NBC. Estão a ouvir? O desporto é tão popular no meu país como nos vossos, mas, apesar disso, vem mais dinheiro da indústria do sexo, graças à internet, do que de todas as actividades desportivas profissionais juntas.

Temos um problema. Temos um problema muito sério. Graças à internet, 90% das crianças dos oito aos dezasseis anos já viram pornografia *online*, na maior parte dos casos quando estavam a fazer trabalhos de casa. A idade média da primeira exposição à pornografia na internet é de onze anos no meu país. É evidente que não facilita a tarefa a nós, pais de família.

Há mais estatísticas, mas não vou falar mais delas. Quero terminar fazendo um apelo aos Senhores Padres, como pai de família, com cinco filhos (brevemente, daqui a duas semanas, serão seis). Peço-lhes que nos mostrem o caminho. Peço aos padres de todo o mundo que nos mostrem o caminho. Não cedam aos desencaminhadores de crianças, que querem roubar a inocência dos meus filhos. Não cedam a essa coisa do rock-and-roll, à indústria da música pop. Conduzam-nos para fora destas trincheiras. Dêem-nos bons conselhos católicos no confessionário e do púlpito. Os nossos jovens estão ansiosos por os ouvirem, porque desse lado não recebem nada. As pessoas dizem: “Oh, os miúdos adoram a música de rock.” Mas gostam mesmo?

Gostam assim tanto da música pop? São felizes nas discotecas? São felizes quando estão de cabeça perdida com drogas e bebidas, tentando encontrar um sentido para a sua vida? Não vemos uma cara de felicidade nestes pobres jovens, cheios de piercings. Com o cabelo espetado para todos os lados e de todas as cores. Com tatuagens no corpo, para cima e para baixo, a tentarem provar a si próprios que a vida tem um sentido. A tentar provar a eles próprios que estão vivos. Não são felizes, Senhores Padres. Precisamos de que os nossos sacerdotes se ergam e nos orientem contra este exército avassalador dos que odeiam a moralidade cristã.

Vou dar-lhes um exemplo do sucesso desta ideia, de quando os padres vão à frente, os jovens seguem-nos: as peregrinações que estão agora a realizar-se em França. Talvez algum sacerdote aqui presente tenha ido numa peregrinação de Notre-Dame de Paris a Notre-Dame de Chartres, em França – onde em todas as Primaveras, em todos os Pentecostes, 25.000 jovens de 20 anos para baixo vão três dias a pé, percorrendo 90 quilómetros em honra de Nossa Senhora.

Não há música de rock nestas peregrinações. Não há barrigas à mostra nestas peregrinações. Não há calções nestas peregrinações. Os jovens têm fome, estão mortos para voltarem ao significado autêntico da religião e para receberem uma identidade católica. Os pecados da carne estão a destruir-lhes as almas e as mentes. E, o que talvez seja mais importante no enquadramento objectivo da palestra de hoje, estão a destruir-lhes o potencial de alcançar a felicidade.

E concluo por aqui. Por favor, continuem esta conversa nas vossas paróquias. Afastem as crianças destas coisas, e assim penso que teremos uma possibilidade muito maior de conseguir quem pratique que Nossa Senhora de Fátima pediu: rezar o Terço, usar o Escapulário, e voltar a ser Católico num mundo que é muito, muito anti-católico. Mais uma vez, muito obrigado por me terem escutado.